

NOTA DO EDITOR

Incumbido pela direção desta revista de organizar o número comemorativo dos oitenta anos do escritor Gilberto Freyre, optei pela transcrição de artigos escritos sobre as principais obras do fundador e principal animador do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais: um artigo para cada obra. A opção me colocou diante da difícil tarefa de selecionar tanto as obras como os artigos por elas suscitados.

Na seleção das obras de Gilberto Freyre, o critério foi o de incluir, além da trilogia que constitui a *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil*, aquelas que representam diferentes especializações e gêneros literários por ele explorados com seus reconhecidos dotes de cientista, pensador e escritor.

Quanto aos artigos, procurou-se juntar o nível à raridade, pois o principal objetivo deste número de *Ciência & Trópico* é colocar ao alcance dos estudiosos da obra de Gilberto Freyre apreciações que estavam esquecidas em coleções de jornais e outras publicações de difícil acesso.

Ver-se-á pelo florilégio aqui reunido o alto nível da nossa crítica militante dos anos 30 aos 70, de João Ribeiro a José Guilherme Merquior. O artigo do autor de *O Fabordão* — uma de suas últimas produções, pois morreria em

abril de 1934 — como que responde por antecipação aos que, movidos por fanatismo ideológico ou prejudicados pela superficialidade, acusariam Gilberto Freyre de “passadista”. Ele soube ver em *Casa-Grande & Senzala* a “profunda metafísica” e “metapolítica” existentes neste ensaio aparentemente apenas de história social, sociologia genética e antropologia cultural.

Também Octavio Tarquinio de Sousa soube apontar, como grande lição de *Sobrados e Mucambos*, sua atualidade em face dos “racismos de outras terras”. Nesse artigo de 1936 já podem ser notados os profundos conhecimentos e a sensibilidade que caracterizariam o biógrafo de Evaristo da Veiga, José Bonifácio, Bernardo Pereira de Vasconcelos, Diogo Feijó e D. Pedro I.

Em 1937 aparece *Nordeste* e Manuel Bandeira, que redescobriria o seu Recife por intermédio de Gilberto Freyre, escreve um artigo no gênero do livro, isto é, ao mesmo tempo objetivo e lírico. Analisa-o capítulo por capítulo, mas não deixa de incluir, aqui e ali, uma recordação pessoal da região comum. O poeta já estava consagrado como autor de *A Cinza das Horas* (1917), *Carnaval* (1919), *O Ritmo Dissoluto* (1924), *Libertinagem* (1930) e *Estrela da Manhã* (1936). E o prosador se consagraria naquele mesmo ano com a reunião em volume de suas *Crônicas da Província do Brasil*.

A publicação, em 1941, de *Região e Tradição*, oferece a Álvaro Lins — então em seu segundo ano de crítica hebdomadária no *Correio da Manhã* — oportunidade para uma visão de conjunto da personalidade e da obra de Gilberto Freyre. Os dois artigos aqui reproduzidos incluem-se entre seus momentos mais felizes de crítico e ensaísta, ao mesmo tempo em que se destacam como uma das melhores contribuições à fortuna crítica gilbertiana.

Nos anos 40, os grandes jornais cariocas mantinham rodapés de crítica literária a cargo de grandes escritores, como Álvaro Lins no *Correio da Manhã*, Roberto Alvim Corrêa em *A Manhã* e Guilherme Figueiredo no *Diário de Notícias*. Tendo sido a década 40 uma das mais prolíficas para Gilberto Freyre, era natural que os mencionados escritores se ocupassem de seus livros, em artigos antológicos como os aqui reunidos.

Com o Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo* surgiram, nos anos 50, Bernardo Gersen e Wilson Martins, este, aliás, o crítico hebdomadário cuja colaboração regular foi talvez a que mais se prolongou, chegando até aos anos 70. Bernardo Gersen foi como que um meteoro: brilhante e rápido. O fim dessa colaboração foi também o dos tão caluniados rodapés, substituídos por um noticiarismo que agrada autores e editores, mas não serve de orientação para os leitores, cada vez mais confusos diante da torrencial produção bibliográfica.

Os 5 artigos de Bernardo Gersen, publicados sob o título genérico de “Uma Sociologia Existencial”, foram escritos a propósito da publicação de *Ordem e Progresso*, mas analisam todo o conjunto de que o referido livro faz

parte e — diga-se de passagem — ainda está por concluir com o anunciado *Jazigos e Covas Rasas* e os volumes complementares de documentação textual e iconográfica, bibliografia e índice geral. Eles mostram como e porque uma obra de história social e sociologia genética pode ser comparada a grandes romances universais como *A Comédia Humana*, *Guerra e Paz*, *Em Busca do Tempo Perdido* e *Ulisses*.

Em breve mas expressivo registro, retirado de sua colaboração regular no *Correio da Manhã*, Carlos Drummond de Andrade diz o essencial sobre *Talvez Poesia*: depoimento importante, por ser do maior poeta brasileiro, notável também como contista e ensaísta. Com sua competência de ficcionista, Ricardo Ramos comenta de modo sugestivo a estréia de Gilberto Freyre na ficção: uma “estréia previsível”, como observou Osmar Pimentel no prefácio de *Dona Sinhá e o Filho Padre*.

A presença do jornalismo na obra de Gilberto Freyre é assinalada por José Augusto Guerra, ele próprio também escritor e jornalista. A propósito da publicação de *6 Conferências em busca de um leitor*, Wilson Martins mostra como Gilberto Freyre é um conferencista para ser não apenas ouvido, mas lido e relido. O texto final é um ensaio à altura do livro brasileiro mais aliciante da década 70: *Além do apenas moderno*. O *senior* Gilberto Freyre encontrou no *junior* José Guilherme Merquior o crítico ideal para comentar e desenvolver suas conjeturas de pensador que, depois de mergulhar fundo no passado, volta-se para os “possíveis futuros do homem, em geral, e do brasileiro, em particular”.

Edson Nery da Fonseca

A organização deste número de *Ciência & Trópico* foi possibilitada pelo regime de dedicação exclusiva com o qual o editor está vinculado ao quadro docente da Universidade de Brasília.

